

2011

Tempo do Advento

Esperando a vinda do Senhor



"Vendo o mundo pelos olhos das crianças"



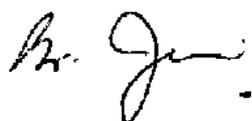
Mensagem de gratidão a todas as pessoas que contribuíram para a elaboração do Folheto de Orações para o Advento de 2011.

Seguindo nosso costume dos últimos anos, fizemos contato com algumas de nossas províncias para colher depoimentos de crianças e jovens sobre o tema da Não-discriminação, relacionado ao artigo 2º da Convenção sobre os Direitos da Criança. O folheto de orações para o tempo do Advento deste ano apresenta diversas narrativas que descrevem como a discriminação acontece. Para alguns, a dolorosa experiência é sentida com muita intensidade e permanece por muito tempo. Pedimos a você que ore diariamente por quem vive as experiências narradas no folheto.

Em alguns casos, utilizamos um pseudônimo, ao invés de usar o nome verdadeiro. Somos profundamente gratos às crianças e aos jovens que contribuíram para a elaboração do folheto de orações para o Advento deste ano e aos nossos contatos, em todo o mundo, pelos depoimentos.

Argentina	Mónica Linares
Austrália	Alison Baker e Gavin Dykes
Brasil	Claudia Laureth e Bárbara Pimpão Ferreira
Camboja	Ir. Darryl Slater
Colômbia	Ir. Carlos Alberto Rojas Carvajal
Quênia	Ir. Felix Muwawa
Quiribati	Ir. Chris Poppelwell
Paquistão	Ir. Noel Fonseka e Ir. Kamran
Estados Unidos	Ir. Dominick Pujja

Esperamos que você possa familiarizar-se ainda mais com a Convenção sobre os Direitos da Criança utilizando este folheto, tornando-se assim mais consciente da situação de muitos jovens que sofrem discriminação. As orações apresentadas neste folheto certamente serão muito apreciadas por eles.



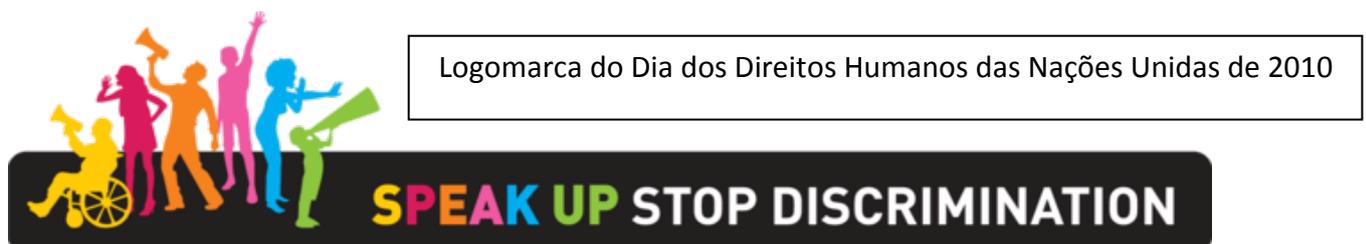
Ir. Jim Jolley, Editor

Folheto de Orações para o Advento de 2011

O tema do Folheto de Orações para o Advento de 2011 tem como foco o Artigo 2º da Convenção dos Direitos das Crianças: “**Não-discriminação**”. O artigo diz o seguinte:

1. *Os Estados-membros comprometem-se a respeitar e a garantir os direitos previstos na presente Convenção a todas as crianças que se encontrem sujeitas à sua jurisdição, sem discriminação alguma, independentemente de qualquer consideração **de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou outra da criança**, de seus pais ou representantes legais, ou da **sua origem nacional, étnica ou social, fortuna, incapacidade, nascimento ou de qualquer outra situação**.*
2. *Os Estados-membros tomam todas as medidas adequadas para que **a criança seja efetivamente protegida contra todas as formas de discriminação** ou de sanção decorrentes da situação jurídica, de atividades, opiniões expressas ou convicções de seus pais, representantes legais ou outros membros da sua família.*

Inspirados na proposta do XXI Capítulo geral de ver o mundo através dos olhos de uma criança, reunimos alguns testemunhos sobre a discriminação de crianças e jovens ao redor do mundo. Conhecer suas histórias pode nos ajudar a perceber como podem ser ignorados e magoados, embora, às vezes, não intencionalmente, por outras pessoas. A *discriminação* pode ocorrer de muitas formas e em muitas situações, em casa, na rua, nas lojas e na escola. Se uma criança é discriminada, conseqüentemente sofre injustiça. As crianças são as pessoas mais vulneráveis em nossa sociedade, e de modo geral não têm condições de se defender sozinhas. O objetivo do tema deste ano é chamar a atenção para a discriminação com depoimentos de crianças, de modo a sensibilizar-nos mais para esse problema, em nosso contato cotidiano e regular com elas. De nossa parte, somos conclamados a lutar por seus direitos e a protegê-las de todas as injustiças.



ADVENTO

O tempo do Advento anuncia aos fiéis que o Natal se aproxima. Com isso, também revela o sentido litúrgico mais profundo da celebração da Natividade,



proporcionando referência teológica e espiritual para os muitos significados culturais, sociais e devocionais, bem como para as práticas associadas a essa celebração festiva. Há dois temas subjacentes ao Advento. O primeiro é o mistério da encarnação. Cristo, a Luz, veio ao nosso mundo e nele habitou como um de nós, plenamente humano e plenamente divino: E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória (Jo 1,14). O segundo é o retorno de Cristo, cheio de graça e verdade, para renovar todas as coisas. O sentido é que a celebração da encarnação nos enche de esperança, aguardando

Sua volta definitiva, quando toda a criação será elevada à plenitude da glória de Deus. O tempo do Advento se expressa nas palavras encontradas no final da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios: O Senhor Jesus vem! (1Cor 16,22). O texto, no entanto, é ambíguo e pode significar tanto o anúncio da vinda de Jesus como convite para a vinda do Senhor: Vem, Senhor Jesus! O Advento assimila os dois sentidos.

AS ORIGENS DO ADVENTO

Há uma série de aspectos na história do Advento que nos permitem compreender a sua forma atual. O nome vem do verbo latino “advenire” (‘vir’, ‘chegar’), origem do termo adventus, que designava, na religião pagã de Roma, a vinda anual das divindades ao templo para visitar seus adoradores, ideia que foi rapidamente absorvida pelos teólogos cristãos, no intuito de transmitir a crença na encarnação e na segunda vinda de Cristo.

Há evidências, oriundas do final do século quarto, de que, em algumas regiões da Gália, não eram promovidos batizados durante o tempo do Natal. Assim, as semanas seguintes a esse período eram dedicadas à preparação para o

batismo. Essa é a primeira manifestação do Advento, que assumia nessa época certo caráter penitencial, envolvendo jejum, oração e meditação. Cerca de dois séculos depois, o tempo do Advento foi adotado em Roma. Não obstante, como não ficou mais relacionado ao batismo, o aspecto penitencial passou a não predominar. As celebrações passaram, então, a destacar a festa da Encarnação e a espera festiva da Segunda Vinda de Cristo. Durante o mês de dezembro, contudo, ainda se praticava o jejum como preparação à colheita da oliva, dando-lhe certo caráter penitencial. Em síntese, é possível reconhecer nesses fatos as origens do sentido atual dado ao tempo do Advento e ao espírito silencioso de penitência desse período. A referência à colheita da oliva chama a atenção para o inverno, os dias mais curtos, as dificuldades e os perigos do frio intenso durante esse período, com a sensação de fragilidade da vida e inexorabilidade da morte. Essas características se revelam na espiritualidade do Advento, o que, de certa forma, torna esse tempo litúrgico difícil de ser entendido quando celebrado fora do hemisfério norte.

AS QUATRO SEMANAS DO ADVENTO

As quatro semanas que constituem o tempo do Advento dividem-se entre duas ênfases. As leituras e orações do período que vai do primeiro domingo até o 16º dia de dezembro levam-nos a meditar sobre a segunda vinda de Cristo. O Prefácio desse tempo destaca: “Revestido de sua glória, ele virá uma segunda vez para conceder-nos em plenitude os bens prometidos que hoje, vigilantes, esperamos.” (Prefácio do Advento I). Durante o ciclo dominical de três anos, o Evangelho do primeiro domingo nos recorda para ficarmos atentos porque a salvação está próxima. Os Evangelhos do segundo e do terceiro domingos falam de João Batista e de sua mensagem: a salvação é iminente. As primeiras leituras desses domingos tratam das profecias da vinda do Messias e valem-se predominantemente de citações do profeta Isaías, embora se façam também referências aos profetas Jeremias, Baruc e Sofonias no terceiro ano. As segundas leituras abordam temas que se inserem no significado do Advento. As leituras dos dias de semana citam principalmente o profeta Isaías, com as promessas da salvação. A partir do dia 16 de dezembro, o destaque é a celebração da Natividade. Encontramos isso novamente no prefácio: “Predito por todos os profetas, esperado com amor de mãe pela virgem Maria, Jesus foi

anunciado e mostrado presente no mundo por são João Batista. O próprio Senhor nos dá a alegria de entrarmos agora no mistério do seu Natal, para que sua chegada nos encontre vigilantes na oração e celebrando os seus louvores.” (Prefácio do Advento II). Cada uma das leituras do Evangelho, no ciclo dominical de três anos, prepara-nos para o nascimento do Senhor. Os Evangelhos dos dias de semana tratam igualmente dos acontecimentos que conduzem à natividade, enquanto os textos da primeira leitura inauguram uma sequência de leituras do Antigo Testamento sobre a vinda do Messias. O tempo se encerra com a missa da véspera do Natal.

Prof. Gerard Moore
gerardm@nsw.uca.org.au; www.utc.edu.au

(Adaptado de *Mission and Spirituality News*, Australia, 23 November 2010)

Orações ao acenderem-se as Velas do Advento



Primeira Semana

Oh Emanuel, Jesus Cristo,
Deus conosco,
Salvador dos pobres,
Vinde e habitai entre nós.

Segunda Semana

Oh Rei das Nações, Jesus Cristo,
Júbilo único de todos os corações,
Vinde e salvai o vosso povo.

Terceira Semana

Oh Chave de Davi, Jesus Cristo,
As portas do céu se abrem
ao vosso comando,
Vinde e mostrai o caminho da
Salvação.

Quarta Semana

Oh Sabedoria, Verbo Sagrado de Deus,
Jesus Cristo,
Tudo está em vossas mãos,
Vinde e mostrai o caminho da
Salvação.

27 de novembro de 2011

Domingo, 1ª Semana do Advento

Leituras: Is 63,16-17; 64,1.3-8; 1Cor 1,3-9; Mc 13,33-37



*Shaid Almeida Piedade
10 anos, Brasil*

Sou Schaid Almeida Piedade, tenho 10 anos e moro em Ceilândia, Distrito Federal. Estou no 4º ano. Moro com minha mãe e minha irmã e participo do Projeto Criança Feliz no Centro Marista Circuito Jovem. Na rua onde eu moro sofro muita discriminação e isso me deixa muito triste e com raiva. Sempre que estou brincando ou quando eu passo pela rua onde moro os meninos ficam me chamando de macumbeiro, preto velho, neguinho da favela e de outras coisas. Sofro discriminação também na minha escola, eles me chamam de carvão, de café. Não gosto que me chame assim, isso é preconceito, bulismo. Penso que essas pessoas não deveriam fazer isso por causa da cor, todo mundo merece ser respeitado. Penso que as pessoas deveriam ser mais educadas.

Convenção dos Direitos da Criança (Síntese)

Artigo 1: Definição

Nos termos da presente Convenção, criança é todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo.

Artigo 2: Não-discriminação

Os Estados membros comprometem-se a respeitar e a garantir os direitos previstos na presente Convenção a todas as crianças que se encontrem sujeitas à sua jurisdição, sem discriminação alguma, independentemente de qualquer consideração de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou outra da criança, de seus pais ou representantes legais, ou da sua origem nacional, étnica ou social, fortuna, incapacidade, nascimento ou de qualquer outra situação.

28 de novembro de 2011

Segunda-feira, 1ª Semana do Advento

Leituras: Is 2,1-5; Mt 8,5-11



Iobi, 16 anos, Quiribati

No ano passado, morei com o meu tutor (sobrinho do meu avô) e a família dele. Cheguei quando sua esposa estava no exterior. Durante esse período, ele foi muito gentil e atencioso comigo. Porém, quando a esposa voltou, ele mudou. Os dois não queriam saber de mim. Eu tinha de ir para a escola que ficava a duas vilas de distância da nossa, e nunca me davam qualquer dinheiro. Antes do dia da Independência (12 de julho), enviei um *e.mail* para meu pai, que trabalha como pescador em alto-mar, e pedi a ele algum dinheiro para pagar as despesas com a escola e outras necessidades.

Ele mandou o dinheiro, e então paguei a escola. Meu tutor pegou o que havia sobrado e comprou roupas para seus dois filhos, mas nenhuma para mim. Logo depois, o meu tio, irmão do meu pai, pediu ao meu tutor para que eu passasse uma semana com ele durante os feriados da Independência, mas ele não deixou. Minha sorte é que ele tinha algum dinheiro, que me deu para eu poder comprar roupas novas para a festa da Independência. Fiquei muito feliz, porque pude comprar as roupas para o feriado. Quando meus tutores viram que eu havia comprado roupas, eles me repreenderam e passaram a não conversar mais comigo. Meu tio, então, voltou e me levou com ele, e assim meus problemas acabaram, porque agora estou morando com meu tio e a família dele, que são muito gentis e atenciosos.

Artigo 3: Os melhores interesses da criança

Todas as organizações que se ocupam das crianças devem trabalhar tendo como objetivo realizar o que seja o melhor para cada criança. Os Estados devem providenciar que a criança tenha um cuidado adequado, quando os pais ou outras pessoas encarregadas desta responsabilidade deixam de fazê-lo.

Artigo 4: Direitos na prática

Os Estados têm a responsabilidade de aplicar os direitos explicitados na Convenção.

29 de novembro de 2011

Terça-feira, 1ª Semana do Advento

Leituras: Is 11, 1-10; Lc 10, 21-24



A vida é um grande campo batalha que você precisa atravessar para poder assumir o controle de seu próprio destino. Às vezes, você é derrubado, mas aí você dá a volta por cima e retoma a luta, porque nada é tão precioso como a vida. Você precisa encontrar sua própria inspiração para viver, não importa o que ou quem possa ser. Oi! Sou a Alex e sofro de paralisia cerebral. Sou quadriplégica e falo com dificuldade. Apesar da minha deficiência, meu coração e minha mente estão cheios de amor, criatividade e compaixão, e todas as pessoas com quem convivo dizem que sou muito inteligente para a minha idade. Minha inspiração são meus amigos e minha família. Sem essas pessoas eu não seria tão forte nem tão independente. Quando estou com meus amigos, sinto-me segura, forte, feliz, livre e capaz de realizar tudo o que desejo. Seu apoio e amor significam tudo para mim e sei que ficarão sempre ao meu lado não importa o que aconteça. É uma sensação maravilhosa saber que tantas pessoas apoiam a gente sem questionar. Todas as pessoas da minha família sempre me apoiaram e deram carinho em todos os momentos da minha vida. Seu amor me dá segurança e me permite correr riscos e enfrentar com confiança e dignidade os desafios e as pessoas. Sempre que conheço um lugar novo ou pessoas novas, meu coração acelera. Isso é consequência do medo de não saber se serei acolhida ou julgada por causa de minhas dificuldades, mas respiro fundo e vou em frente com um sorriso. Acredito que as diferenças devem ser aceitas e a discriminação superada. Viver é partilhar e sorrir, e receber sorrisos em troca. É abrir o coração de tal modo que todos se sintam livres para abrir seus próprios corações da melhor maneira possível.

Alex Reimers , 15 anos, Austrália

Artigo 5: Orientação dos pais e desenvolvimento das habilidades da criança

O Estado deve respeitar os direitos e as responsabilidades dos pais e, por extensão, da família, proporcionando orientação para que as crianças se desenvolvam, ensinando-lhes como usar corretamente seus direitos.

30 de novembro de 2011 (S. André, Apóstolo)

Quarta-feira, 1ª Semana do Advento

Leituras: Rom 10, 9-18; Mt 4, 18-22



O tribalismo cria barreiras

Meu nome é Lucy Lxlanjin. Tenho 15 anos. Fui transferida para um internato em uma comunidade diferente da minha, quando eu tinha 12 anos. Às vezes, meus colegas conversam em sua própria língua, que eu não entendo. Eu me sinto discriminada com isso. Às vezes, quando brincam ou jogam, escolhem os times por tribos. O tribalismo é uma forma de criar inimigos. Pode provocar muita coisa ruim. Em 2007, no Quênia, houve muito sofrimento por causa do tribalismo, com mortes e invasão de terras. As pessoas deveriam parar com o tribalismo e erguer a bandeira da paz, amor e unidade.

*Lucy Lxlangi, 15 anos
Quênia*

Artigo 6: Direito à vida, à sobrevivência e ao desenvolvimento

Toda criança tem o inerente direito à vida. Os Estados têm a obrigação de assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança.

Artigo 7: Nome e nacionalidade

Todas as crianças têm o direito a serem legalmente registradas com um nome, imediatamente após o nascimento. A criança também tem o direito a adquirir a nacionalidade e, tanto quanto possível, conhecer o seu ou os seus pais e ser cuidado por eles.

Artigo 8: Identidade

O Estado tem a obrigação de respeitar a identidade, a nacionalidade e os laços familiares da criança.

1º de dezembro de 2011

Quinta-feira, 1ª Semana do Advento

(Dia Mundial do HIV)

Leituras: Is 26, 1-6; Mt 7, 21, 24-27



Infelizmente, discriminação é um problema que a sociedade enfrenta desde que alguns seres humanos passaram a se considerar melhores do que os outros. A discriminação é uma ramificação do pecado do orgulho. As pessoas vivem se comparando para ver se são melhores do que as outras. A discriminação também já fez parte da minha vida. No ensino fundamental, eu estudava em uma escola ao sul do Bronx (um bairro de Nova Iorque). Os alunos da escola eram, em sua grande maioria, afro-americanos, e eu fazia parte de um pequeno grupo de hispânicos. Eu era discriminado o tempo todo porque era diferente da maioria.

E por eu ser diferente, eles achavam que eram melhores do que eu. Isso fez com que eu me sentisse inferior, de tal modo que passei a achar que eu não era reflexo da glória de Deus. Por ser diferente, talvez eu não fosse amado. Mas então eu pensei: deve haver uma razão para Deus nos fazer diferentes. Esse problema pode ser resolvido apenas com a compreensão de que nossas diferenças fazem de cada um de nós pessoas únicas, e nenhuma diferença pode mudar o que de fato todos somos: filhos de Deus.

*William Moran , 16 anos
Estados Unidos*

Artigo 24: Saúde e serviços de saúde

As crianças têm o direito de aceder aos melhores índices possíveis de cuidados relativos à saúde e médicos. Os governos devem providenciar um local especial, onde serão proporcionados os cuidados primários e preventivos relativos à saúde, uma educação sanitária pública e uma efetiva redução da mortalidade infantil.

Crianças, HIV e AIDS

Mais de mil crianças são diariamente infectadas com HIV, e, entre essas, mais da metade vem a falecer em consequência da AIDS e da falta de acesso ao tratamento de HIV.¹ Além disso, milhões de outras crianças são indiretamente atingidas pela epidemia em razão da morte e do sofrimento em suas famílias e comunidades.

A prevenção da infecção pelo HIV, o tratamento para o prolongamento de vida e a redução dos impactos de HIV e AIDS sobre as crianças, suas famílias e comunidades são possíveis. No entanto, a falta dos investimentos e recursos imprescindíveis para os testes adequados, as drogas anti-retrovirais e programas de prevenção, assim como o estigma e a discriminação, indicam que as crianças continuarão a sofrer as consequências da epidemia.

Número de crianças infectadas

Os dados abaixo apresentam o número de crianças (com até 15 anos, conforme definição da UNAIDS) diretamente afetadas por HIV e AIDS:

- No final de 2009, havia 2,5 milhões de crianças com HIV em todo o mundo.
- Estima-se que 400 mil crianças foram infectadas com HIV no ano de 2009.
- De 1,8 milhões de pessoas que morreram de AIDS durante 2009, uma, em cada sete, era criança. A cada hora, aproximadamente 30 crianças morrem em decorrência da AIDS.
- Há mais de 16 milhões de crianças com até 18 anos que perderam um ou os dois progenitores em consequência da AIDS.

- A maior parte das crianças com AIDS/HIV — nove entre dez — vive na África subsaariana, a região do mundo com maior incidência de AIDS.

Em países em que o HIV atinge mais de 5 por cento das pessoas, a taxa de mortalidade infantil não diminuiu como no resto do mundo. Isso certamente se deve ao elevado risco de mortalidade associado à infecção não tratada de HIV em crianças pequenas.

Leia mais: <http://www.avert.org/children.htm>



Menino com HIV e sua família

2 de dezembro de 2011

Sexta-feira, 1ª Semana do Advento

Leituras: Is 29, 17-24; Mt 9, 27-31



A menina. Em nossa parte do mundo, a menina é tratada de modo diferente ao do menino. A menina não é aceita com alegria em algumas famílias. Quando uma mãe está esperando nenê, os membros da família preferem um menino a uma menina. Quando uma menina nasce, não há festa; quando nasce um menino, os membros da família festejam muito. No final eles acabam aceitando a menina, mas não com tanta alegria.

Há também muitas restrições às meninas em nossa cultura. Elas não podem sair com pessoas do sexo masculino, a não ser que seja o pai ou irmão. Sinto pena das meninas que não podem aproveitar a vida como os meninos. Elas são obrigadas a cobrir todo o corpo quando aparecem em público. Em nosso círculo familiar, também as meninas precisam seguir certas normas sociais em pleno século XXI. Elas ficam restritas à sua casa. Não podem sair à rua, nem passear, e tenho certeza de que se sentem discriminadas por causa de seu gênero. Acho que, se tivessem oportunidade, as meninas poderiam brilhar na sociedade e viver com mais liberdade.

*Saim Javed, 15 anos
Paquistão*

Artigo 27: Padrão de vida

Toda criança tem o direito a um padrão de vida adequado ao seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral e social. Os pais têm a primária responsabilidade de assegurar que a criança tenha um adequado padrão de vida e os governos devem assistir os pais a este respeito.

3 de dezembro de 2011

Sábado, 1ª Semana do Advento

(Dia Internacional das Pessoas com Deficiência)

Leituras: Is 30, 19-21.23-26 (Alternativa: 1Cor 9, 16-19, 22-23); Mt 9, 35-10,1. 5-8 (Alternativa: Mc 16, 15-20)



Sok Chea, 16 anos, Camboja



Meu nome é Sok Chea. Tenho 16 anos e vivo em Kampong Chhnang, Camboja. Sou aluno da Escola La Valla dos Irmãos Maristas e estou no quarto ano do ensino fundamental. Os músculos dos meus quadris são fracos desde o meu nascimento, por isso preciso usar próteses nas duas pernas para poder ficar em pé. Quando eu vivia em minha aldeia, precisava ir à escola, que fica mais ou menos a de 1 km de distância. Era muito longe para mim, por isso minha mãe e meu irmão se revezavam para me levar e me trazer em nossa bicicleta. Em uma manhã, depois da chuva, quando meu irmão me levava para a escola, caímos na lama. Alguns meninos de minha escola passavam e viram o que tinha acontecido, mas não ajudaram. Começaram a rir, caçoando de nós e foram embora. Fizeram isso porque sou deficiente. Fiquei triste e zangado. Quando penso no modo como sou tratado, eu me sinto mais forte para não desistir e me sair bem nos estudos, mas às vezes fico com vontade de sair da escola.

Para mim, a escola é muito importante porque o pessoal da minha aldeia e minha mãe esperam que eu me desenvolva bastante para conseguir um emprego e assim poder ajudar a minha família. Às vezes acho que sou um peso para os meus familiares. Eu sei do amor que eles sentem por mim. Preciso retribuir o que fazem por mim. Aquilo que tenho enfrentado na vida até agora me deixa mais determinado a superar todas as dificuldades e ser uma boa pessoa na minha aldeia. Não quero que as pessoas sintam pena de mim, mas me ensinem todas as coisas que preciso aprender. Obrigado.

Artigo 23: Crianças deficientes

Uma criança deficiente tem o direito a cuidados, educação e treinamentos especiais que a auxiliem a usufruir da vida com dignidade, acedendo aos maiores graus de integração social.

4 de dezembro de 2011

Domingo, 2ª Semana do Advento

Leituras: Is 40, 1-5, 9-11; 2Ped 3, 8-14; Mc 1, 1-8



***Bullying*¹ - Bulismo**

Quando eu era criança e estava no início do ensino fundamental, sofri *bulismo*. Eu havia mudado de escola, era novato e um dos menores da turma e da maioria da escola.

Dois meninos começaram a me ofender. Isso me deixou tão triste e zangado que afetou os meus estudos. Não consegui mais prestar atenção nas aulas e passei a ter muitos problemas. Meu comportamento então piorou tanto que, no final, não aguentei e voltei para a minha antiga escola.

Brandon Flory, 14 anos, Austrália

Artigo 9: Separação dos pais

A criança tem o direito de viver com seus pais, desde que isto não seja incompatível com os melhores interesses da criança. As crianças têm o direito a manter contato com ambos os pais, se separadas de um deles ou de ambos.

Artigo 10: Reunificação familiar

As famílias que vivem em diferentes países devem poder circular entre os países, para que os pais e as crianças possam estar em contato ou se reunificarem como uma família.

Artigo 11: Transferência e não-retorno

O Estado deve tomar as providências para prevenir o seqüestro ou a retenção ilegal das crianças no estrangeiro por um dos pais ou por um terceiro.

1 Bullying (do inglês bully, 'valentão') é um termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por uma pessoa ou grupo de pessoas, causando dor e angústia, com abuso de poder. Em português, temos bulismo (N. do T.).

5 de dezembro de 2011

Segunda-feira, 2ª Semana do Advento

Leituras: Is 35, 1-10; Lc 5, 17-26



Uma simples xícara de chá. Meu nome é Anjilus Soren, filho de Jamil Soren. Sou aluno do ensino médio da aldeia de Radhanagar onde vivo com meus pais. Radhanagar é uma paróquia a cerca de 35 km ao leste da cidade de Dinajpur, em Bangladesh. Chokarhat é uma vila com um mercado que fica a um km de minha casa. Há algumas casas de chá nesse mercado, mas eu não posso tomar chá ali. Os donos desses restaurantes se recusam a me atender porque sou da tribo *Santali*. Se eu tocar a xícara de chá, ela ficará impura, eles dizem.

Os mulçumanos *bengali* nos odeiam. As pessoas da tribo *Santali* não podem tomar chá em Chokarhat. É doloroso contar a nossa luta pela sobrevivência. Somos economicamente excluídos, politicamente ignorados e socialmente desprezados. Não somos respeitados em razão de nossa condição. Somos duplamente minoria: como membros da tribo *Santali* e como cristãos.

Anjilus Soren, 17 anos, Bangladesh

Artigo 13: Liberdade de expressão

A criança tem o direito de expressar a sua visão, de obter informação e de informar, de conhecer, apesar das fronteiras e no respeito dos direitos dos outros, da ordem pública, da saúde e da moral públicas.

Artigo 14: Liberdade de pensamento, de consciência e de religião

O governo nacional deve respeitar os direitos da criança à liberdade de pensamento, de consciência e de religião, sujeitos a uma apropriada orientação dos pais e respeitando-se os direitos dos outros, da ordem pública e da saúde e da moral públicas.

Artigo 15: Liberdade de associação

As crianças têm o direito a encontrar-se com os outros e a aderir ou formar associações.

6 de dezembro de 2011

Terça-feira, 2ª Semana do Advento

Leituras: Is 40, 1-11; Mt 18, 12-14

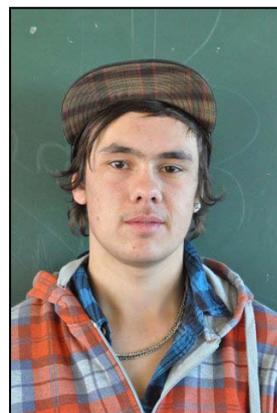


Em uma oportunidade indo para escola buscar uma amiga me agrediram por me acharem gorda, a minha sorte foi que estava com alguns amigos e eles me defenderam. Sinto tristeza quando as pessoas não se importam com os sentimentos dos outros.

*Andressa de Paula Gomes
16 anos, Brasil*

Artigo 30: Crianças de populações minoritárias ou indígenas

As crianças de comunidades minoritárias e de populações indígenas têm o direito de usufruir de sua própria cultura e a praticar sua própria religião e língua.



No ano passado, na escola onde eu estudava, um grupo de meninos começou a me chamar de “coon”, “nigger”², e outras palavras horríveis sobre minha mãe e também sobre outros membros da minha família. Isso costumava acontecer nos intervalos ou na entrada das aulas. Eu me sentia humilhado e sofria muito. Ficava também com medo de me agredirem, porque eles estavam sempre em turma. Contei tudo pra minha tia, que reclamou na escola, e esses meninos tiveram que se explicar l. Fiquei contente porque eles pararam de me ofender com palavras racistas. Tenho orgulho de ser aborígene.

*Cameron – 14 anos
Austrália*

² Ofensas racistas utilizadas em alguns países de língua inglesa. (N. do T.)

7 de dezembro de 2011

Quarta-feira, 2ª Semana do Advento

Leituras: Is 40, 25-31; Mt 11, 28-30



Discriminação é falta de respeito

Discriminação é quando uma pessoa é humilhada por causa de sua raça ou gênero. Vivi uma experiência incomum de discriminação. Quando frequentei uma escolar internacional em Fiji, meus colegas de classe costumavam zombar de mim por causa do meu país. Eles me chamavam de “afogada da ilha”, ou me perguntavam: “Veio nadando até aqui?”, toda vez que eu voltava do Quiribati depois de um feriado.

Todos os estudantes do Quiribati passam por isso quando estão em outro país da nossa região. Embora isso me magoe muito, eu nunca demonstro. O que me aborrece mesmo é a zombaria ao meu país, que me dá a identidade de quiribatiana. Nunca caçoei dos países deles, pois sei como eles se sentiriam. O que eles fazem é um desrespeito pra mim e por meu país. Eles não sabem o sentido do respeito próprio. Respeitar uma pessoa é tratá-la do jeito que ela gostaria de ser tratada. É assim que eu faço, bem o contrário do que eles fazem. Discriminação é faltar de respeito a alguém.

*Evelyna, 17 anos
Quiribati*

Artigo 16: Proteção da privacidade

As crianças têm o direito à proteção de interferências à sua privacidade, à da sua família, do seu lar e de sua correspondência, além de calúnias e difamações.

Artigo 17: Acesso à informação apropriada

O governo nacional deve assegurar o acesso das crianças às informações importantes a seu bem estar, provenientes de rádio, jornais, livros, computadores e outras fontes, e tomar as providências para proteger as crianças de materiais danosos.

8 de dezembro de 2011 – Imaculada Conceição

Quinta-feira, 2ª Semana do Advento

Leituras: Gn 3, 9-15, 20; Ef 1, 3-6, 11-12; Lc 1, 26-38



Para mim, discriminação significa privar uma pessoa de seu lugar na sociedade em razão de sua cor, religião, raça, língua ou cultura. Mas há também a discriminação por causa de favoritismo. Eu vivi esse tipo de discriminação. Durante as férias de verão tivemos na escola sessões de treinamento de basquetebol. Estávamos nos preparando para um torneio.

Nosso treinador queria a relação de jogadores para o torneio. Ele pediu ao líder do time que preparasse uma lista. Percebi que ele havia anotado os nomes de seus amigos no começo da escalação, mas meu nome não estava lá. Eu pedi para incluir o meu, porque sou considerado um bom jogador. Então ele acrescentou o meu nome. Mais tarde, quando ele divulgou a escalação final, meu nome não estava lá. Fiquei muito chateado com isso. Descobri que a maioria dos selecionados era de amigos e colegas de turma. Por isso me senti discriminado. Esse tipo de discriminação faz as pessoas perderem a autoconfiança. Algumas reagem e conseguem um lugar, mas as tímidas ficam quietas. Há muita gente talentosa no mundo que não consegue mostrar o seu valor em razão da discriminação, que chega a atrapalhar o desenvolvimento de um país.

Se as pessoas não conseguem as condições para se desenvolver, não é possível garantir seus direitos e oportunidades. Quando penso nessa injustiça, fico insatisfeito e revoltado com o sistema. Espero que algum dia exista uma sociedade que trate todas as pessoas com justiça.

*Sharoon Barkat, 13 anos
Paquistão*

Artigo 12: A opinião da criança

A criança tem o direito de expressar a sua opinião livremente e a ter esta opinião levada em consideração em assuntos ou procedimentos que afetem a criança.

9 de dezembro de 2011

Sexta-feira, 2ª Semana do Advento

Leituras: Is 48, 17-19; Mt 11, 16-19



Mae Le Refugee Camp, Tailândia. O hospital é a construção com telhado branco, no centro.

Refugiada...Minha jornada, minha história...

Minha família foi para o nosso primeiro campo de refugiados em 1983. Era arriscado para minha família continuar em Burma, e o campo de refugiados era seguro. Mas o exército birmanês invadiu o campo. Mataram muita gente e queimaram tudo. Em 1995, minha família fugiu para outro campo de refugiados, chamado de Mae Le. Minha família estava segura ali, mas sabia que jamais poderíamos voltar pra Burma, nossa casa. Nasci aqui, em Mae Le, assim como meus dois irmãos e três irmãs. A vida no Campo era difícil, porque era difícil conseguir comida suficiente para todo mundo.

Não era possível ir à escola, a não ser que você tivesse muito dinheiro para pagar as mensalidades. A segurança era precária. A polícia tailandesa supervisionava o campo e ninguém podia abandoná-lo. Se alguém quisesse sair, precisava de um visto ou de documentos tailandeses, mas ninguém no campo os possuía. Se uma pessoa tentasse alguma coisa teria problemas com a polícia tailandesa. Ela levou embora muita gente por causa disso. As pessoas ficavam doentes facilmente e ninguém podia trabalhar fora do campo. Nós dependíamos apenas de nós mesmos para sobreviver ali. Meu pai escreveu algumas cartas para ir para a Austrália. Esperamos 15 anos até que nos aceitassem na Austrália. Ao chegar, a primeira coisa que chamou minha atenção foi a multidão de pessoas no aeroporto, todas brancas. É um lugar muito bom mesmo! Minha família está muito feliz aqui e vivemos muito bem. Minha vida mudou e está muito diferente agora.

'Mi Swe', 17 anos, Burma – Tailândia - Austrália

Artigo 22: Crianças refugiadas

Especial proteção deve ser garantida à criança refugiada ou à criança em busca do estatuto de refugiada. É obrigação do Estado de cooperar com as organizações competentes que podem providenciar tal proteção e assistência.

10 de dezembro de 2011

Sábado, 2ª Semana do Advento

(Dia Mundial dos Direitos Humanos)

Leituras: Eclo 48, 1-4, 9-11; Mt 17, 10-13



Esporte é uma atividade recreativa muito comum na educação infantil, no ensino fundamental e no médio, e também na universidade. No ensino médio, o pessoal joga a maioria dos esportes. Na minha escola, todos os alunos praticam algum esporte, eu inclusive. Mas alguns não jogam nada. Fico triste por eles, pois os alunos os chamam de 'nerds'. Vivem isolados e os outros caçoam deles. No ensino fundamental, eu não jogava basquete, porque era o único esporte que havia, e eu não podia jogar, ficando de fora. Nas aulas de educação física, eu era um dos últimos a ser escalado, porque pensavam que eu não tinha habilidade. Mas quando fui para o ensino médio, a coisa mudou. Lá eu descobri duas modalidades esportivas que eu gostava de praticar: luta greco-romana ('*wrestling*') e *lacrosse*.³ Assim, não fiquei mais no final da escalação, porque passei a conviver com os garotos que praticavam comigo essas atividades esportivas. Porém, não me esqueço do que eu sentia quando era excluído. Quando vejo os colegas que não participam dos esportes, sabendo como se sentem, converso com eles e tento incluí-los em nossas atividades. Ninguém gosta de se sentir excluído, e é isso que a discriminação faz com as pessoas.

Jonathan Rivera, 17 anos, Estados Unidos

Artigo 18: Responsabilidade dos pais

Os pais têm a responsabilidade primária de proporcionar o crescimento da criança e o Estado deverá apoiá-los nisto.

³ Jogo de origem indígena canadense, semelhante ao hóquei, em que os jogadores (dez de cada lado) utilizam um bastão longo com uma rede frouxa na extremidade para apanhar, conduzir ou arremessar uma bola de pequenas dimensões ao longo do campo visando ao gol. (N. do T.)

11 de dezembro de 2011

Domingo, 3ª Semana do Advento

Leituras: Is 61, 1-2; 10-11; 1Ts 5, 16-24; Jo 1, 6-8, 19-28



*Sophia Victoria Correia
4 anos, Brasil*



Uma experiência de vida coletiva, considerando um ambiente de diálogo e acolhida, oferece para as crianças a participação sobre o que diz respeito à sua vida, além da construção de uma sociedade mais solidária. Sofia Victoria Correia, com três anos e dez meses, compõe sua família ao lado de sua mãe e seu irmão de quinze anos. Para permearmos as ações do cotidiano educacional de maneira efetiva e abertura à participação é necessário considerar os interesses e opiniões das questões que afetam as crianças. Em um momento de refeição Sofia, relata uma situação de julgamento à sua educadora. “Cris, eu sou gorda? Chamaram-me de gorda.” A educadora pergunta se ela não gosta de ser chamada de gorda e se ela é gorda? Sofia diz que é gorda, e demonstra que ser gorda pode não ser bom. Diz que quando o colega a chama de gorda sua cara fica feia. Quando a cara fica feia não é bom. Atribui um sentimento à ação de seu par, revelando princípios éticos e estéticos que de certo modo podem excluí-la. Quando o grupo de crianças é questionado sobre a diversidade de cada um, comentam sobre suas diferenças e semelhanças. Eles dizem: Todos que são gordos têm bebê na barriga. A compreensão sobre suas singularidades é apontada, refletindo sobre a construção de suas experiências, demarcando sua identidade.

Artigo 19: Proteção contra abusos e a negligência

Os Estados membros deverão proteger a criança de todas as formas de maus tratos por parte dos pais ou outros responsáveis em cuidar dela, devendo estabelecer programas sociais apropriados para a prevenção de abusos e para o tratamento das vítimas.

12 de dezembro de 2011

Segunda-feira, 3ª Semana do Advento

(Nossa Senhora de Guadalupe)

Leituras: Nm 24, 2-7, 15-17; Mt 21, 23-27



Situação infeliz. Na minha família, eu tinha seis irmãos e eu era a única filha; assim se pode imaginar o meu constrangimento, já que vivíamos numa espécie de paraíso. Isso foi tempo atrás, quando eu era muito nova. Infelizmente, meu pai morreu de ataque do coração. Foi o fim de tudo. O irmão de papai veio com a sua família; aí toda a minha vida mudou do céu para o inferno. Os meus irmãos e mamãe deixaram-me; foi a primeira vez que sofri maus tratos.

O meu tio tinha uma filha que estava na mesma série que eu. Cada manhã, antes de ir à escola, eu recebia dois dólares para a passagem de ônibus, enquanto a minha prima recebia cinco. No recreio, a minha prima comprava comida; eu ficava sem, porque os dólares não eram suficientes. Em caso de compras, a minha tia comprava-lhe roupa, mas eu ficava sem nada. Eu era repreendida ou me batiam, quando fazia algo errado, mas com a prima nada acontecia. Eu contei o caso à mamãe. Ela me falou: "Não se aborreça demais com os abusos e o descaso da tia. Apenas reze ao bom Deus e lhe peça ajuda; no mais, concentre-se nos estudos; vai chegar o dia em que nos livramos disso, quando você arrumar bom emprego". Eis por que estou aqui agora, tratando de empenhar-me no estudo para passar em todas as séries e, depois, conseguir o emprego.

*Karubeaitina, 17 anos
Quiribati*

Artigo 20: Proteção de uma criança sem família

As crianças têm o direito a um cuidado especial e ajuda, se elas não podem viver com suas famílias. Aqueles que cuidam dessas crianças, até mesmo as instituições e outras famílias, devem respeitar a religião, a cultura e a língua da criança.

Oração do Papa João Paulo II a Nossa Senhora de Guadalupe

Oh, Virgem Imaculada, Mãe do verdadeiro Deus e Mãe da Igreja! Tu, que desse lugar manifestas tua clemência e tua compaixão a todos que solicitam teu amparo; escuta a oração que com filial confiança te dirigimos e apresenta-a a teu Filho Jesus, nosso único Redentor.

Mãe de Misericórdia, Mestre do sacrifício escondido e silencioso, a ti, que vens ao encontro de nós pecadores, te consagramos neste dia todo nosso ser e todo nosso amor. Consagramos-te também nossa vida, nossos trabalhos, nossas alegrias, nossas enfermidades e nossas dores. Concede a paz, a justiça e a prosperidade a nossos povos. Tudo o que temos e somos colocamos sob teus cuidados, Senhora e Mãe nossa. Queremos ser totalmente teus e percorrer contigo o caminho de plena fidelidade a Jesus Cristo em sua Igreja. Não nos soltes de tua mão amorosa.



Virgem de Guadalupe, Mãe das Américas, te pedimos por todos os bispos, para que conduzam os fiéis por caminhos de intensa vida cristã, de amor e de humilde serviço a Deus e às almas. Contempla esta imensa messe, e intercede para que o Senhor infunda fome de santidade em todo o Povo de Deus, e envie abundantes vocações sacerdotais e religiosas, fortes na fé e zelosas dispensadoras dos mistérios de Deus.

Concede aos nossos lares a graça de amar e respeitar a vida que começa, com o mesmo amor com que concebeste em teu seio a vida do Filho de Deus. Virgem Santa Maria, Mãe do Formoso Amor, protege nossas famílias, para que estejam sempre muito unidas, e abençoa a educação de nossos filhos.

Esperança nossa, lança-nos um olhar compassivo ensina-nos a procurar continuamente a Jesus e, se cairmos, ajuda-nos a nos levantar, a nos voltarmos a Ele, mediante a confissão de nossas culpas e pecados no sacramento da Penitência, que traz serenidade à nossa alma.

Nós te suplicamos para que nos concedas um grande amor a todos os santos Sacramentos, que são as pegadas de teu Filho na terra.

Assim, Mãe Santíssima, com a paz de Deus na consciência, com nossos corações livres do mal e do ódio poderemos levar a todos a verdadeira alegria e a verdadeira paz, que vem de teu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, que com Deus Pai e com o Espírito Santo vive e reina pelos séculos dos séculos.
Amém.

Sua Santidade João Paulo II, no México, em janeiro de 1979, visitando a Basílica durante sua primeira viagem ao estrangeiro, como Papa.

13 de dezembro de 2011

Terça-feira, 3ª Semana do Advento

Leituras: Sf 3, 1-2. 9-13; Mt 21, 28-32



O meu nome é Sharon, tenho 15 anos. Venho de uma família de cinco. Tenho dois irmãos e duas irmãs. Um deles me batia muito. Saí de casa. A minha melhor amiga falou à sua mãe do meu caso. Agora estou com eles. Foi porque eu havia sido levada a um orfanato e fui trazida de volta. A minha mãe vende bebidas proibidas e me bate muito. Em nosso clube de meninas, aprendemos os direitos das crianças. Agora eu sei que era ruim e proibido fazer como mamãe. Por vezes, me pergunto se ela é realmente a minha mãe. Ela sempre abusa de mim; ela bebe. Eu não quero ficar como ela. Eu estive com as minhas professoras; elas tentam falar com mamãe. Eu espero que um dia ela vá amar-me como a minha amiga é amada pela mãe dela.

Sharon, 15 anos, Quênia

Artigo 21: Adoção

Em países, onde a adoção é reconhecida e/ou admitida, esta deve apenas realizar-se no melhor interesse da criança e somente com a autorização das autoridades competentes, com todas as salvaguardas para a criança.

Artigo 25: Periódica revisão dos internamentos

Uma criança que, por razões de zelo, proteção ou tratamento, é levada pelo Estado a uma instituição ou estrutura onde receberá os cuidados de que necessita, tem o direito a ter este local de internamento inspecionado regularmente.

Artigo 26: Seguridade social

A criança tem o direito ao benefício da seguridade social, incluindo a assistência social.

14 de dezembro de 2011

Quarta-feira, 3ª Semana de Advento

Leituras: Is 45, 6-8, 18, 21-25; Lc 7, 19-23



*Andrés Julián Duque
Quintana, 8 anos
Colômbia*

Sou Andrés Julián Duque Quintana. Tenho oito anos e estou na terceira série primária. A minha vida na escola é muito triste. Os amiguinhos da minha sala não me querem, porque dizem que sou gordo e às vezes me gritam: *porco gordo ... massa de patas..o mais gordo elefante do mundo*. Quando não compreendo problemas e tarefas, zombam de mim, porque demoro em fazê-las. Isto faz com que me sinta sem valia, que não sirvo para nada, como lixo; mesmo que não os incomode, me pegam. Não gostam de jogar comigo, porque sou lento; por essa razão não tenho amigos. Se falo aos professores e à minha família, não me dão atenção; dizem que me queixo de tudo, que sou culpado e os importuno; mas eu só quero passar algum tempo com os meus colegas de aula.

Gostaria de mudar de colégio; mas seria muito difícil, porque eu ficaria sem os primos Yohan e Yaritza, que me acompanham no descanso, para que não me agridam. O ideal seria que os colegas brincassem comigo, sem destratar-me; que as professoras me entendessem e tivessem paciência comigo. Nem sempre as coisas são fáceis para todos; cada qual tem as suas capacidades e não somos meras cópias para atuar do mesmo modo. Creio que nada posso fazer para solucionar a situação, pois os mestres falaram uma vez com mamãe e a única coisa que fizeram foi suspender alguns colegas; no retorno deles, as coisas voltaram ao que eram.

Artigo 31: Lazer, recreação e atividades culturais

A criança tem o direito ao lazer, a brincar e a participar de atividades culturais e artísticas.

15 dezembro de 2011

Quinta-feira, 3ª Semana do Advento

Leituras: Is 54, 1-10; Lc 7, 24-30

Coleção de vozes de crianças das Américas sobre aquilo de que elas gostariam (Documento Interamericano de Solidariedade Marista).

- *Não ser comparado com outras pessoas. (8 anos, Chile)*
- *Segredo, amor da minha família, liberdade, independência, amigos, (17 anos, Porto Rico)*
- *Ser aceito como eu sou. (15 anos, Canadá)*
- *Que os meus pais me amem e respeitem. (7 anos, México)*
- *Que as crianças pobres tenham algo para comer, que haja solidariedade, respeito, afeição, colaboração e todas tenham casa. (10 anos, Equador)*

O meu nome é Rocío Pérez, tenho dezoito anos. Moro num pobre arrabalde da cidade de Rosário, na Argentina. Frequento aula no último ano do curso secundário, na Escola Marcelino Champagnat. Como outros rapazes do meu lugar, sofro discriminação todo o dia. Certa vez, fui a uma loja para comprar roupa para a cerimônia de formatura. Quando perguntei pelo preço, o atendente me tratou como se não quisesse pagar ou mesmo roubar a roupa. Ainda que a minha mãe estivesse perto do atendente, ele pediu-me que deixasse a loja de maneira muito rude; assim, decidimos retirar-nos de imediato. Em outra ocasião, entrei numa loja de perfumes e o atendente começou a seguir-me como se eu fosse assaltar a loja. Realmente, costumo sentir-me miserável, porque em muitos pontos do centro da cidade, eu sou discriminado e contrariado. Será que isso ocorre porque não me visto com elegância? O fato me enlouquece, porque deve haver muita gente que se sente e percebe como eu.

Rocío Pérez, 18, Argentina

Artigo 28: Educação

As crianças têm direito à educação. É dever do Estado de garantir que a educação primária seja obrigatória e de currículo autônomo; que diferentes formas de educação secundária sejam acessíveis a todo o jovem; e que a educação superior esteja disponível para a maioria, com base na própria capacidade. As disciplinas nas escolas devem respeitar a dignidade humana das crianças e jovens.

16 dezembro de 2011

Sexta-feira, 3ª Semana do Advento

Leituras: Is 56, 1-3, 6-8; Jo 5, 33-36



Para mim, discriminação ocorre quando não sou respeitado como mereço e quando não se importam comigo. Hoje, a minha história se refere à humilhação, que em certa ocasião experimentei, por parte de alguns professores. A escola é lugar de aprender e os professores têm a responsabilidade de ensinar os estudantes com respeito e dignidade. Estou falando da relação entre professor e estudante. Tenho o orgulho de dizer que sou estudante excelente. Ainda assim, há coisas, por vezes, que são difíceis de aprender. Seguidamente, peço esclarecimento ao meu professor; ele não aprecia isto. Ele me insulta na frente de todos os colegas.

É triste dizer que, se dou a resposta correta da questão, perguntada em aula, ele me cria problemas. Sinto que ele me quer rebaixar e provar que não sou nada. Sinto que ele me marca de verdade. No momento em que percebi que ele se acostumou a tal atitude, pensei que ele não estava disposto a mudar de procedimento. Isso me entristeceu profundamente; isto me torna cada dia mais tenso. Sinto-me carregado com essa tensão entre nós dois. Desejo que logremos reconciliação, antes de eu deixar a escola. O meu esforço cotidiano tende a tolerar essa humilhação; presto-lhe o respeito pelo seu caráter de professor. Rogo ao bom Deus que nos dê a ambos o espírito de bem conversarmos, em termos de reconciliação.

*Johnson Javed, 15 anos
Paquistão*

Artigo 29: Objetivos da educação

A educação deve desenvolver completamente a personalidade e os talentos de cada criança. A educação deve preparar a criança para uma ativa vida de adulto, numa sociedade livre, zelando-se para que haja respeito aos pais da criança, por sua identidade cultural, língua e valores, e pelos valores e culturas originais dos outros.

17 de dezembro de 2011

Sábado, 3ª Semana do Advento

Leituras: Gn 49,2.8-10; Mt 1, 1-17

Cada ano, no meu aniversário, eu tinha um motivo para deixar a casa. Isso ocorria por causa dos meus pais. O meu aniversário coincidia com o natalício do meu irmão mais velho; havia o costume de ele ser servido por primeiro. Desse modo, os meus pais celebravam sempre apenas o aniversário do meu irmão. Eles lhe davam dinheiro para se divertir com os amigos, enquanto nada me davam. Esse tipo de favorecimento me enchia de inveja. Eu, porém, arrumei uma forma para furtar-me à discriminação. No dia do aniversário, deixava em tempo a casa e ia passar a noite com as minhas amigas. No dia seguinte, retornava à casa como se nada houvesse acontecido.



*Kimwaere, 16 anos
Quiribati*



Quando eu era mais nova, havia sempre quem se risse de mim. Não era porque eu fosse extravagante ou muito diferente. Simplesmente eu era a única estudante aborígene da escola; na própria cidade, os da nossa família eram os únicos nativos; eis o motivo. Cabi-me aguentar tudo isso. Chamavam-me negroide e diversos outros apelidos. Isso fazia com que me sentisse um lixo; realmente eu me enchia de cólera. Costumava até mesmo brigar; até que a escola me enviou a um psicólogo; ele me ajudou a superar o desafio. O meu irmão e mamãe foram sempre o meu melhor apoio; eles bem compreendiam a situação. Há seis meses, nós fomos para outra cidade e as coisas melhoraram. Eu ainda me deparo, por vezes, com algumas daquelas pessoas; mas tudo mudou, porque moramos longe delas.

Ceara Larkins, 14 anos, Austrália

Artigo 41: Respeito dos altos padrões

Se as leis de um país em particular proporcionam maior proteção para as crianças do que os artigos desta Convenção, então tais leis deverão ser aplicadas.

18 de dezembro de 2011

Domingo, 4ª Semana do Advento

Leituras: 2 Sam 7, 1-5, 8-11, 16; Rm 16, 25-27; Lc 1, 26-38



Em um dos colégios onde estudei por três anos, os colegas me importunavam. Quando eu jogava bem as partidas de futebol ou brilhava nas corridas, os companheiros me ofendiam; dava-me apelidos de menosprezo, como *orelha pequena*, *orelha rachada*. Ocorre que tenho a boca torcida, especialmente quando rio. Algumas vezes, me dava raiva e punha-me a chorar; outras vezes, apelava à professora: eu estimava muito a professora Luz Marina, porque era a única que me defendia. Ela punia os que me injuriavam, separando-os na sala e enviava informes às mães deles; mas eles me seguiam nos recreios; eu batia neles, mas vinham contra mim, davam-me pontapés e socos. Eu sentia medo, quando mamãe não me vinha buscar no colégio. Acontece que, perto da minha casa, viviam dois meninos, Andrés e James: eram os que mais me incomodavam e aí me pegavam.

Às vezes, no colégio ou fora, eles vinham em grupo molestar-me; eu lhes dava pontapés; mas, como eram muitos, eu saía derrotado. Depois, aconteceu que alguns companheiros do meu irmão vieram ao colégio; eles eram grandes e fortes; metiam medo nos briguentos. Mamãe também falava com os professores e com o coordenador. Recomendaram à mamãe que me retirasse do colégio; assim, fui estudar em outro estabelecimento. No começo, um menino também me importunou. Ele foi severamente punido e não mais me incomodou. Aqui estou aprendendo muito melhor e vou passar de ano; a professora vai aprovar-me para a quarta série.

Duban Felipe, 9 anos, Colômbia

Artigo 32: Trabalho infantil

A criança tem o direito a ser dispensada do trabalho que lhe prejudique a saúde, a educação ou o seu desenvolvimento. O Estado deve determinar a idade mínima para o emprego e regular as condições de trabalho.

19 de dezembro de 2011

Segunda-feira, 4ª Semana do Advento

Leituras: Jz 13, 2-7, 24-25; Lc 1, 5-25



Oi, como vai? Meu nome é Pâmela de Paula Silva, moro com minha avó e outra irmã por parte de pai. Tenho muita saudade do meu pai; ele faleceu quando eu tinha onze anos. Gosto muito de estudar e melhorei muito depois que entrei no Circuito Jovem. Minha mãe nos abandonou. Foi um período muito difícil; ela nos maltratava, dava apenas água com açúcar para nos alimentar. Fiquei doente; nem tinha o direito de reclamar; nunca achei isso certo; penso que uma mãe deve amar o filho e cuidar bem dele. Tudo isso não me fez bem; passei algum tempo no hospital.

Minha avó ficou sabendo e tomou a nossa guarda. Hoje ela cuida muito bem de nós. Quando meu pai morreu, foi muito triste; ele era carinhoso e amava muito a gente. Sua morte foi em um acidente com uma carroça: o cavalo se assustou e a carroça tomou. Foi uma aflição no hospital; eles demoraram muito em atendê-lo, e ele morreu. Penso que as pessoas devem ser tratadas com dignidade, não como um lixo, como meu pai foi tratado. Acho que os governantes não se preocupam de verdade com os pobres; nem cumprem as leis. Perdi o amor da minha mãe; o que fizeram com meu pai me deixou muito triste. Hoje eu tenho o carinho da minha avó e dos meus amigos do Centro Marista Circuito Jovem.

*Pâmela de Paula da Silva, 13 anos
Brasil*

Artigo 33: Abusos da droga

As crianças têm o direito de serem protegidas dos danos das drogas e do envolvimento em sua produção e distribuição.

20 de dezembro de 2011

Terça-feira, 4ª Semana do Advento

Leituras: Is 7, 10-14; Lc 1, 26-38



Sacolas publicitárias são muito comuns nos espaços das escolas secundárias e instituições de ensino no mundo. Perto do fim do ano de escola secundária, era coisa muito fácil fazer uso delas. Eu, aliás, não era demasiado dedicado aos trabalhos escolares de casa, algo que reputava quase uma bênção. Enquanto ia à última aula do dia, outro estudante comentou algo da minha sacola: “Você é tão *gay*; olhe a sua

maleta”. Alguns riam, ao passo que outros pensavam que era a imaturidade que havia dado margem ao incidente. Algo trivial, com certo mau gosto carimbado nas minhas costas, deu motivo a que alguém me julgasse, e acontece que a interpretação estava equivocada. Eu não sou *gay*, mas tenho amigos que o são. O incidente que estou revelando é apenas uma amostra do que tenho visto na escola, nas ruas e na mídia de hoje. Se alguém se põe a zombar dos nossos irmãos e irmãs *gays*, não significa que tudo seja verdade. A despeito do que alguém acredita acerca das nossas vidas, cumpre que construamos, tanto uns como outros, uma comunidade. No caso do Apóstolo Pedro, repreendido por Paulo, em questão de ambivalência humana no proceder, não há como ver culpa grave diante de Deus. Somos chamados a ser luz e sal para o mundo, para toda a humanidade. A discriminação não é material de construção nem instrumento adequado dela, senão algo que pode endurecer o coração de quem antes estava inclinado a dar atenção às boas novas que lhe eram oferecidas. Não conhecemos bem os corações daqueles que encontramos; mas quando estamos permeados pela graça de Cristo, e nos erguemos em favor daqueles que são discriminados, começamos a unir-nos e os tornamos bem-vindos nas nossas vidas.

Luís Ramos, 16 anos, USA

Artigo 34: Exploração sexual

O Estado deverá proteger as crianças da exploração e do abuso sexual, como a prostituição e o envolvimento com a pornografia.

21 de dezembro de 2011

Quarta-feira, 4ª Semana do Advento

Leituras: Ct 2, 8-14 ou Sf 3:14-18; Lc 1, 39-45



*Sheroze Sarfraz, 15 anos
Paquistão*

Por que discriminar alguém por causa da cor? Ninguém é superior a outrem devido à riqueza, ou por ser de outra cor, ou por ter outra aparência física. Tenho observado discriminação de um colega de aula. Ele é de cor negra, ao passo que a maioria dos nossos estudantes é de cor clara. A pessoa a quem me refiro é estudante excelente e perspicaz nos seus estudos. Quando ele entrou na escola, muitos garotos o fixaram e fizeram observações. Eles queriam saber se ele era africano.

Alguns riram dele pelas costas e o menosprezavam. No começo, não se deu conta. Depois, tornou-se desanimado, e não podia concentrar-se no seu trabalho. Também os professores não deram muita atenção a esse rapaz; mas ele era competente nos estudos. Ainda assim, ele não suportava que o chamassem de negro. Descorçoado, começou a não comparecer às aulas. Ele não podia compreender por que era tratado assim. Penso que os seus detratores não toleravam que ele tirasse boas notas, porque o invejavam. Depois, percebi que o seu desempenho piorava. Comecei a perceber melhor a realidade. Na nossa sociedade, muitos diamantes perderam o encanto e o brilho, por causa dos maus tratos de que foram vítimas. Quem somos nós para julgar os outros pela sua cor, religião, etnia, gênero ou diferenças regionais? Deus a todos fez à sua própria imagem. Ninguém é menos importante ou inútil. É o caráter e as boas ações que fazem o real valor da pessoa. Espero que os nossos estudantes tratem os outros com bondade e gentileza.

Artigo 35: Venda, tráfico e abdução

O Estado tem a obrigação de empenhar-se sempre na prevenção da venda, tráfico e sequestro de crianças.

22 de dezembro de 2011

Quinta-feira, 4ª Semana do Advento

Leituras: 1Sm 1, 24-28; Lc 1, 46-56



O procedimento da minha irmã

No ano passado, residi com a minha irmã mais velha e seu marido e seu filho. Eles eram bondosos e felizes. Por vezes, a minha irmã e o esposo iam à outra vila por um ou dois dias. No seu retorno, a minha irmã era muito enfática em dizer que eu não tinha cuidado bem do filho. Um dia, a minha irmã ficou braba e me bateu e então me disse que nunca mais queria ver-me e logo me mandou embora da casa. Eu fui à outra vila e morei com o meu tio e a esposa dele.

Eles tinham três filhos e uma garota da minha idade. Fiquei com eles por três semanas e então tornei a morar com a minha irmã. Na minha chegada, a irmã se desculpou do acontecido. Eu disse-lhe: “Está tudo bem. Já esqueci tudo”. Ainda assim, dois dias depois, o marido começou a proceder mal comigo. Culturalmente, por eu ser mais nova, ele achava que eu poderia substituir a minha irmã, quando ela morresse. O marido, porém, começou a agarrar-me, comportando-se muito mal, como se eu já fosse a sua mulher. De noite, ele rondava a casa e, quando ninguém o podia ver, tentou enredar-me. Em certa ocasião, ele quase me estuprou. Altercava comigo, sem razão aparente, apenas porque eu não lhe permitia que brincasse comigo. A minha irmã o soube, mas ela nunca revelava, imagino que ela suponha que ele não faria tal, já que eu era muito nova e não estava sozinha. Eu não previa nada de bom, em especial no que tocasse à minha irmã, porque eu sabia que ela fingia ignorar o problema, nem procurava evitar que o marido continuasse a agir assim comigo. Em consequência, eu nada lhe falei do abuso. Quando papai chegou, pensei que tudo mudaria, mas nada mudou. Eu, assim, deixei-os, sem nada ficar resolvido. Daí em diante, sempre que recordo o incidente, sinto-me em apuros e até mesmo culpada.

Maria (nome fictício), 17 anos, Quiribati

Artigo 36: Outras formas de exploração

A criança tem o direito à proteção contra todas as formas de exploração que possam prejudicar seu bem-estar e desenvolvimento.

23 de dezembro de 2011

Sexta-feira, 4ª Semana do Advento

Leituras: Mt 3, 1-4, 23-24; Lc 1, 57-66



Eu estudei numa escola da periferia por quatro anos. Durante esse tempo, não aprendi nada, nem a ler nem a escrever; mas me passavam de série, porque eu era bem comportado e não incomodava ninguém. Ainda assim, eu não gostava desse colégio, porque os meus companheiros me incomodavam a torto e a direito; diziam que eu era um bruto que tinha ido ao pré-escolar. Certo menino, de nome Brandon, era o que mais me importunava, porque a professora me colocava perto dele para trabalhar; ele dizia-me que ela me mudara de lugar, porque eu estava piorando.

Algumas vezes, os colegas me pegavam, sem eu ter feito nada; Os professores me assustavam; diziam-me que, se eu não aprendesse a ler, me levariam ao *bem-estar familiar*⁴ (ICBF), onde estaria longe da mamãe e da família. No princípio desse ano, contei a uma irmã mais velha e a uma tia que não queria voltar à escola, porque aí eu sofria maus tratos e tinha muito medo. Elas falaram com mamãe. No começo do ano, a minha tia procurou outra escola, onde estou estudando. Nos primeiros dias, fiquei com medo, porque não conhecia ninguém; mas já estou bem, porque aqui me sinto melhor da parte dos companheiros e dos professores; eles me tratam bem e estou aprendendo a ler, a escrever e a fazer contas.

Deyvid Alexander Fandiño Gambo, 10 anos, Colômbia

Artigo 37: Tortura e privação da liberdade

Nenhuma criança deve ser sujeita à tortura, tratamento cruel ou punição, prisão fora da lei ou privação da liberdade. Tanto a pena capital como a prisão perpétua sem a possibilidade de liberação são proibidas como punição por ofensas cometidas por pessoas com menos de 18 anos de idade. Qualquer criança privada da liberdade deverá ser tratada com respeito, deverá ser separada dos adultos.

Artigo 38: Conflito armado

Os Estados membros devem tomar as providências para assegurar que as crianças com menos de 15 anos de idade não tomem parte diretamente nas hostilidades.

⁴ O ICBF é a instituição que retira os filhos das suas casas e os afasta das suas famílias.

24 de dezembro de 2011 – Véspera de Natal

Sábado, 4ª Semana do Advento

Leituras: 2Sm 7, 1-5. 8-12. 14. 16; Lc 1, 67-79



*Tebwenaang , 15 anos
Quiribati*

Meu pai favorece a minha irmã; ela tem um ano a mais que eu. Ele sempre demonstra o seu amor para com ela; nunca fica brabo quando ela faz algo errado. Mas, quando eu faço algo errado, ele sempre me pune. Quando eu não passo de sério, ele me bate; mas quando ela roda, ele apenas fala com ela. Quando vejo meu pai e minha irmã juntos, tenho vontade de chorar. Ao perceber o meu problema, mamãe fala com ele, diz-lhe que eu também sou filha dele, ambas do mesmo sangue; ela continua falando, até que meu pai se chateia. Quando ele me olha, ele também fica embaraçado para falar comigo; assim, eu vou a ele; se ele me dá sinal de que não me quer falar, eu soluço.



*Stella Marys Fidélis
Galliano, 4 anos,
Brasil*

Uma vez eu estava brincando e ela não queria deixar-nos brincar, eu e a Malu. Aí ela me bateu e riu-se de mim, por causa do meu modo de falar. Eu contei isso à professora, porque me sentia triste e aborrecida. Não acreditou que ela pudesse rir-se de mim. Aí eu contei aos meus pais; as professoras falaram com ela; então ela parou de rir-se de mim.

Artigo 39: Cuidados de reabilitação

O Estado tem a obrigação de assegurar que a criança vítima de conflito armado, de tortura, de negligência, de maus tratos ou de exploração conte com cuidados apropriados para sua recuperação e reintegração social.

Artigo 40: Crianças em conflito com a lei

Uma criança em conflito com a lei tem direito ao tratamento que promova o senso da dignidade e dos valores infantis, levando em consideração a idade da criança, e tendo por objetivo a sua reintegração na sociedade. A criança é titular das garantias básicas, assim como da assistência legal e outras, para a sua defesa.

25 de dezembro de 2011

Domingo, Dia de Natal

Leituras: Vigília: Is 62,1-5; At 13,16-17. 22-25; Mt 1,1-25
Meia-noite: Is 9,1-7; Tt 2,11-14; Lc 2,1-14
Aurora: Is 62, 11-12; Tt 3,4-7; Lc 2,15-20
Missa do dia: Is 52,7-10; Hb 1,1-6; Jo 1,1-18

Lc 2, 1-20

O nascimento de Jesus

Naqueles dias, César Augusto decretou que haveria um recenseamento de todo o mundo romano. Este foi o primeiro recenseamento, realizado quando Quirino governava a Síria. Cada um deveria ir à sua cidade para registrar-se. Assim, José também foi da cidade de Nazaré, na Galileia, à cidade de Belém, cidade de Davi, na Judeia, porque ele pertencia à casa e à linhagem de Davi. Ele foi aí registrar-se com Maria, sua esposa grávida. Enquanto eles estavam ali, cumpriram-se os dias em que a criança deveria nascer. Ela deu à luz o seu primogênito. Ela o envolveu em panos e o colocou na manjedoura, porque não houve outro lugar para eles. Nos arredores, viviam pastores, guardando os seus rebanhos de noite. Um anjo do Senhor apareceu-lhes, e a glória do Senhor brilhou sobre eles, e eles ficaram espantados. Mas o anjo disse-lhes: “Não temam. Eu lhes trago boas novas, que serão de muita alegria para todo o povo. Hoje, na cidade de Davi, o Salvador nasceu para vocês. Ele é o Messias e Senhor. Este será o sinal para vocês: vão encontrar um menino envolto em panos, a jazer numa manjedoura. De repente grande multidão da milícia celeste apareceu com o anjo, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus no mais alto céu, e paz na terra aos homens de boa vontade. Quando os anjos partiram e foram ao céu, os pastores diziam uns aos outros: Vamos a Belém para ver o que aconteceu, aquilo de que o Senhor nos falou. Assim, eles foram



com pressa e encontraram Maria e José e o menino, que jazia na manjedoura. Depois que o viram, eles difundiram a nova acerca do que lhes fora dito sobre o menino; e todos os que os ouviram ficaram admirados no concernente àquilo que os pastores lhes disseram. Maria, porém, guardava todas essas coisas, e as ponderava no seu coração. Os pastores retornaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que haviam visto, considerando que era exatamente o que lhes havia sido dito.

Convenção dos Direitos da Criança (CRC)

O texto completo dos Direitos da Criança, em sessenta línguas, pode ser encontrado no site: <http://www.unicef.org/magic/briefing/uncorc.html>

Feliz Natal e Abençoado Ano-novo!

deseja-lhes a equipe da FMSI.

Presidente: Ir. Michael De Waas

Roma:

Ir. Mario Meuti

Sara Panciroli

Angela Petenzi

Ginevra:

Ir. Jim Jolley

Ir. Manel Mendoza

Fr. Vicente Falqueto



